— Enxi, me transfira uma conta bancária de dez bilhões agora — disse Lu Mingfei, com a voz grave. — Agora? — Su Enxi pareceu surpresa. — Meu dinheiro está espalhado em vários lugares. Vai levar alguns minutos para juntar tudo numa única conta. — Então gaste esses minutos — respondeu Lu Mingfei, com a autoridade de um rei. — Entendido. — Su Enxi desligou. Lu Mingfei ergueu o rosto e respirou fundo, como se quisesse sugar o mundo inteiro dentro de si. Depois, soltou o ar devagar. O gerente financeiro ao lado mal conseguia respirar. Um minuto depois, o celular de Lu Mingfei vibrou. Era uma mensagem com a senha de uma conta no banco suíço. — Confira você mesmo. — Ele jogou o telefone para o gerente. — Sim, senhor. — O homem tremia enquanto digitava, errando alguns números de puro nervosismo. Quando a tela exibiu uma fileira interminável de zeros, seu queixo quase caiu no chão. — Agora posso fazer meu lance? — perguntou Lu Mingfei, casual. — Pode! Claro que pode! — O gerente se curvou, desesperado. — Perdoe minha falta de educação antes, Sr. Lu! — Deixa pra lá. — Ele fez um gesto de desdém e saiu da sala. Ao abrir a porta, anunciou em voz alta, para que todos ouvissem: — A partir de agora, não importa o valor que a senhorita do lugar 88 oferecer, eu sempre aumentarei mais um bilhão. Um silêncio mortal tomou o salão. Ninguém sabia o que chocava mais: os olhos dourados de Lu Mingfei, brilhantes como chamas, ou a naturalidade com que ele citava "um bilhão". Capítulo 72 – Ato 18: Treze Federais Perigosos — Eu gosto de "all-in" — Lu Mingfei abriu os braços. — Não curto leilões. São lentos, muito enrolados. Se acho que algo vale, aumento um bilhão. — Senhorita do 88, faça sua oferta, se ainda quiser continuar. Eu vou ao banheiro. — Ele se levantou, sacudiu a poeira do cigarro da roupa e deixou a plaquinha de lances na cadeira antes de sair. Andou com naturalidade, como se tivesse acabado de comprar um chiclete numa padaria. O leiloeiro retomou o pódio, a voz trêmula: — O leilão está reiniciado. Recebemos a oferta da senhorita do 88... 20 milhões. E a autorização do Sr. Lu, lugar 17... Um bilhão e vinte milhões. A loucura que rondava o leilão daquelas espadas chegara ao ápice. — Um bilhão e vinte milhões, uma vez! — O leiloeiro ergueu o martelo. Todos olharam para a garota do lugar 88, cujo lance absurdo acabara de ser superado num piscar de olhos. Será que a rainha reagiria? Ninguém mais ousava participar. Os lances — e as pessoas — haviam enlouquecido. Ela se levantou, fria, e saiu sem uma palavra. — Um bilhão e vinte milhões, vendido! — O martelo bateu no mesmo instante em que ela deixava o salão. Ninguém mais ofereceu nada, e ela nem sequer hesitou, como se tivesse perdido todo o interesse. — O que foi isso agora? — Nuonuo perguntou quando Lu Mingfei voltou do banheiro. — Parecia outra pessoa. — Não sou assim normalmente, shijie — ele riu, pegando a mão dela. — Mas às vezes, eu surto. — Lu! Você foi incrível! — exclamou Tang Sen. — Ah, nada demais... — Lu Mingfei. — Uma voz surgiu atrás dele. — Você tem coragem, hein? Usando sua irmã como degrau. Ele se virou. A jovem do manto dourado havia voltado e agora encarava ele, fria. — Quem é você? — Nuonuo se levantou, o olhar afiado como uma espada. — Eu? — Jiude Mayi sorriu enquanto tirava o véu dourado que cobria o rosto, revelando uma beleza hipnotizante, com um blush que parecia tingido de veneno. — A dona do primeiro beijo do seu namorado? Seu sorriso para Lu Mingfei fez vários homens na sala perderem o fôlego. O manto bordado mal escondia suas pernas longas e perfeitas, o corpo que deixaria até supermodelos com inveja. Ela se apoiou na balaustrada com um ar preguiçoso, exalando um charme capaz de enfeitiçar multidões. Uma mulher que carregava duas katanas na bolsa jamais pareceria inofensiva. Por isso, Jiude Mayi optava por se cobrir toda. Mas nem o manto árabe conseguia disfarçar aquele corpo inesquecível. — O que ela está falando? — Nuonuo olhou para Lu Mingfei. — Merda... — ele pensou, engolindo seco. — Devia ter escolhido outra pessoa pra provocar... Lu Mingfei enfrentava a maior crise de sua vida. — É que... ela trabalha pro meu irmão... — ele gaguejou. — Você conhece o Lu Mingze, aquele diabinho que pode tudo... Ela me beijou só porque... era necessário pra situação! E foi na vida passada! Nuonuo não disse nada. Apenas ficou ali parada, usando apenas o vestido vermelho que Lu Mingfei lhe dera, opaco perto do esplendor de Jiude Mayi. — Não ligo para vidas passadas. — Seus olhos dourados brilharam, intensos. — Nessa vida, ele é meu. Ela encarou Jiude Mayi, os brincos de trevo prateados lançando reflexos afiados sob a luz, como lâminas. — Nem estava disputando. — Jiude Mayi deu de ombros. — Não precisa ficar tão tensa. Só queria... — Chega, Mayi. — Lu Mingfei a interrompeu, com uma autoridade inesperada. Por um instante, ela

hesitou, sem saber se aquele homem era seu chefe, Lu Mingfei... ou algo entre os dois. Mas como? Eram pessoas completamente diferentes. Como poderia haver algo no meio?De repente, ela não sabia mais como falar com aquela pessoa. Se fosse o chefe, perguntaria respeitosamente por suas ordens. Se fosse Luming Fei, talvez brincasse de novo com aquele beijo provocante? No final, ela não disse nada, não fez nada. Apenas ficou parada ali. — Vamos, seniora. Nesta vida, eu só serei seu. — Ele pegou a mão de Nono e saiu, passando por Mayi. Aplausos irromperam no salão da ópera, como uma maré impetuosa. Jude Mayi demorou um pouco para se recompor, murmurando: — O garoto mudou, hein... — Estou esperando o dia em que o mundo inteiro vai aplaudir você. — Ela sorriu, radiante, e também saiu. .... A divisória preta do DTS separava os bancos dianteiros e traseiros, e os vidros escuros bloqueavam qualquer olhar de fora. Jude Mayi se enrolou no amplo assento de couro, chutando os chinelos de sola macia e, ágil como um coelho, "escapou" do vestido largo. Ao lado, já estava preparado um conjunto de roupas pretas de couro: jaqueta justa, calça de couro e sandálias vermelhas de salto alto. Mesmo com ajuda, levaria minutos para vestir algo tão apertado, mas para ela foi tão fácil quanto um caranguejo entrando em sua concha. — Como você pediu, um bilhão. — Ela se recostou elegantemente no assento, cruzou as pernas e atendeu o telefone do carro, enquanto cutucava a orelha com a unha comprida. — Muito bem. Aqui já vejo o bilhão a mais na conta. Descontando o que gastamos com aquele cara na operação de resgate em Three Gorges, lucramos 98 milhões limpos. — Do outro lado da linha, o som de alguém mastigando salgadinhos. — Mas, pra ser sincera, aquele cara que o chefe recomendou é um mala. Na entrega, ficou me chamando de "cliente" como se fosse algum detetive famoso. — A voz ficou reclamona. — E cobrou caro! Levou 2 milhões de dólares. Meu coração dói... — Nunca o vi, não posso opinar. — Mayi perguntou: — O chefe deu algum novo recente? — Teve um contato. — O que ele disse? — Mayi prendeu a respiração. — Só pediu pra cuidarmos melhor do Luming Fei. — Su Enxi respondeu. — Ele acabou de me pedir 10 bilhões emprestados. Acha que isso não é cuidar? — Falando nele, você devia ter visto o que ele fez no leilão. — Mayi sorriu, lembrando. — Totalmente diferente do que era antes. Espere só, ele vai surpreender o mundo. — Estarei de olho. — Su Enxi disse. — Vou desligar, tô vendo série. .... — Parabéns pela aquisição. — A saudação foi suave, como de um velho amigo distante. O som de sapatos parou bruscamente. Anre, com as mãos nos bolsos, ficou imóvel. Ele estava atravessando um corredor estreito, ladeado por réplicas de obras famosas — Van Gogh, Monet, Rubens — sob um teto e paredes vermelho-sangue. Uma figura pequena e curvada, apoiada em uma bengala, projetava sua sombra sobre Anre. Ele ergueu os olhos até o final do corredor, onde Luming Fei e Chen Monuo o esperavam, seguidos por seguranças empurrando um carrinho com um estojo preto reforçado — as lâminas de 1 bilhão e 20 milhões de dólares. Anre sorriu levemente e acenou: — Um velho amigo quer conversar. Nos vemos lá fora. Mas então mudou de ideia: — Luming, Nono, venham comigo. Luming Fei puxou Nono, correndo animado: — Reitor, por que a gente vai junto? — Para aprenderem. — Anre bateu no ombro dele. — Quero que carreguem a bandeira de Cassel logo. — Nem pense nisso! — Luming bateu no peito. — Você vai viver décadas ainda! Quem ousar tocar em você vai ter que lidar comigo! — Não precisa tanto. — Anre se endireitou, respirou fundo, mas não se virou. — Duvido que ele vá atirar nas minhas costas de novo, não é, "Han Gao, o Rápido"? — Isso foi há cem anos. — A voz por trás era amigável. — Na época, seu "Tempo Zero" só durava 4 segundos. Agora passa de 10, não? Até balas ficam lentas pra você. E eu... estou velho. Minhas mãos já não são tão rápidas. — Seus alunos? — Han Gao olhou para Chen Monuo e Luming Fei. — Sim. — Anre finalmente se virou. — Meus dois melhores. — Se são os "melhores" do Anre, devem ser excepcionais. — Han Gao abriu a porta da sala de reuniões. — Inclusive no leilão, foram impressionantes. — Apresento-lhes Hilbert Jean Anre, o famoso reitor da Academia Cassel, um dos líderes da Irmandade do Sangue Dragão. — Han Gao se sentou devagar à mesa, indicando Anre. — Todos o conhecem, mas talvez não pessoalmente. Quanto tempo desde nosso último diálogo, Anre? — Dezembro de 1941, em Pearl Harbor. Você era coronel do exército americano. Nossa negociação foi interrompida pelo alarme aéreo. — Anre sentou-se em uma cadeira de couro, acendendo um charuto. Luming e Nono ficaram ao seu lado. — Seniora, a gente parece aqueles deuses da porta, não? — Luming Fei fez uma careta para Nono. — Os guardiões! — Só você

mesmo pra falar besteira numa hora dessas. — Nono revirou os olhos. A sala tinha treze cadeiras iguais, ocupadas por homens jovens e elegantes, todos de terno preto, camisa branca e flores diferentes no bolso. Cumprimentaram Anre da mesma forma: punho direito erguido, exibindo anéis de prata com símbolos gravados — os brasões de suas famílias.— Sim, 1941 — Han Gao concordou, balançando a cabeça. — Se não fosse o seu "Tempo Zero" nos dando aqueles segundos preciosos, teríamos sido mortos pela bomba dos japoneses. Quando você ativou aquela habilidade, a bomba ficou parada no ar, como se estivesse suspensa sobre a ponte do navio. Que momento tenso. Ele falou com um tom nostálgico, quase emocionado. — Quantos desses jovens aqui realmente representam suas famílias? — perguntou Anges, observando os rapazes bem-vestidos com um olhar desdenhoso. — Parecem pouco impressionantes. Juntos, não chegam aos pés dos meus alunos. — São todos jovens promissores, os melhores de cada família — Han Gao suspirou. — Talvez realmente não se comparem aos seus estudantes. Ao ouvirem isso, os jovens lançaram olhares irritados para Lu Mingfei, que estava rindo e brincando com Chen Monuo. — Não é "talvez" — Anges sorriu com frieza. — É certeza. — Por que essa rivalidade, Anges? O futuro pertence a eles — Han Gao ergueu as mãos, resignado. — Eu já estou velho, mas você continua ágil como um jovem. Deve ser fácil conquistar garotas nos bares com esse charme de senhor distinto, não? Aliás, adorei o seu Maserati. — Han Gao, chega de rodeios. Estamos perdendo tempo — Anges soltou uma baforada de fumaça e balançou a cabeça. — Você sempre organiza esses leilões, e eu sempre participo, mas nunca veio cumprimentar-me antes. Dessa vez, resolveu quebrar o protocolo. O que quer? — Então serei direto — Han Gao fez uma pausa. — Sabemos que a Academia Cassell matou um dos Quatro Reis Dragões, o "Bronze e Fogo", no ano passado. — Correto — Anges respondeu naturalmente, apontando para Lu Mingfei atrás dele. — Ele o matou sozinho. Os jovens trocaram olhares surpresos, avaliando Lu Mingfei com desconfiança. Um deles, loiro, de cabelo bem penteado e pele clara, levantou-se. — O que queremos saber é... vocês o capturaram? — Desde quando criança interrompe conversa de adulto? — Lu Mingfei, que até então estava rindo com NoNo, ergueu o rosto de repente, fitando o jovem loiro. Seus olhos brilharam dourados por um instante. — Quem você pensa que é? — Anges, o que está acontecendo com seu aluno? — Han Gao perguntou, confuso. Anges não respondeu. Continuou brincando com o copo de cristal na mão, observando o líquido formar pequenas ondas douradas. O clima na sala ficou pesado, e os jovens se tensionaram. O loiro que havia falado agora mal conseguia respirar. O silêncio pode ser confortável... ou carregado de hostilidade. Anges pegou delicadamente uma mosca que se debatia no copo, observou-a por um momento e então balançou a cabeça, como se lamentando. — Foi exatamente o que ele disse. Você não entendeu? — falou com naturalidade, como se estivesse comentando o tempo.

http://portnovel.com/book/21/3820